

DE DESEJO E DE ABANDONO: A VELHICE EM “OS PESADOS LAGARTOS”, DE MOREIRA CAMPOS**Aurélia Bento Alexandre (IFRN)**

RESUMO: Este artigo analisa a construção do discurso sobre a velhice no conto “Os pesados lagartos”, de Moreira Campos, inserido na obra *O puxador de terço* (1969). A leitura recai sobre a trajetória da personagem idosa que compõe a narrativa, bem como sobre a relação estabelecida entre ela e demais personagens. O estudo compreende o contexto social no qual a obra se insere, promovendo diálogos entre ambos a fim de evidenciar de que forma a vida social e histórica se configura no conto aludido. Para discutir e estabelecer relações do texto literário com a realidade social, buscamos apoio no método de estudo de Candido (1967), presente no livro *Literatura e sociedade*. No que concerne à discussão acerca da modernidade manifesta neste estudo, contamos com a contribuição de Berman (2007). As discussões sobre velhice têm como aporte teórico o pensamento de Beauvoir (1990), Secco (1994) e Bosi (1994). A análise demonstrou que a narrativa em foco, compreendendo a velhice em sua dimensão histórica e social, põe em destaque alguns procedimentos excludentes dispensados aos velhos na sociedade moderna capitalista: desvalorização, abandono e ausência de projetos que reintegrem os idosos à sociedade, fazendo-os sentirem-se úteis.

PALAVRAS-CHAVES: Moreira Campos, Representação, Velhice, Solidão.

ABSTRACT: This paper analyzes the construction of the discourse on old age in the short story “Os pesados lagartos”, by Moreira Campos, which is present at the book *O puxador de terço* (1969). We turn our attention to the trajectory of the old character that composes the narrative. The study approaches the social context in which the work is placed, promoting a dialogue that shows how the social and historical life are set in the alluded short story. *Literatura e Sociedade* (1967), by Candido, supports the discussion and establishment of the literary text relation with the social reality. Regarding the discussion that we bring about modernity, the ideas of Berman (2007), in *Tudo que é sólido desmancha no ar*, are extremely important. Old age discussions have as theoretical support the thoughts of Beauvoir (1990), Secco (1994) and Bosi (1994). The analysis showed that the narrative, including old age in its historical and social dimension, highlights some exclusive procedures dispensed to old people in capitalist modern society: devaluation, abandonment and absence of projects to reintegrate the elderly to society making them feel useful.

KEYWORDS: Moreira Campos, Representation, Old age, Solitude.

*Desculpai-me não ser bem eu:
mas um fantasma de tudo.
Desculpai-me viver ainda:
que os destroços, mesmo os da maior glória,
são na verdade só destroços, destroços.*

Cecília Meireles

Sabemos que a velhice foi um tema caro à literatura de diferentes épocas – da infantil tradicional aos textos literários da modernidade – e de diversos gêneros literários, além de ter integrado a literatura nos mais variados contextos culturais. Não obstante a isso, ao aprofundarmos nossos estudos sobre os velhos, encontramos que, em grande parte das sociedades ocidentais, desde as pré-históricas, estes tiveram formas antagônicas de tratamento: ou eram vistos como sábios ou eram relegados à marginalização.

Se, conforme Beauvoir (1990), essa marginalização se dá, segundo cada comunidade, desde tempos imemoriais, é também indiscutível que o advento da modernidade potencializou a exclusão das pessoas que não acompanham o ritmo acelerado imposto pelos tempos modernos.

Em semelhante perspectiva, Bosi (1994) afirma que “a sociedade industrial é maléfica para a velhice”, pois, fora do mercado de trabalho, os velhos perdem o *status* tanto de produtor como de reprodutor e são concebidos como seres improdutivos nessa cadeia de produção e industrialização. Improdutivos aos olhos de quem pensa a vida pela lógica da aceleração do tempo, do maquinismo desenfreado caracterizador da sociedade do capital, ao contrário do que ocorre com os velhos nas sociedades mais tradicionais, como em algumas da África. Nessas, para Seco (1994), a forma comunitária de viver, sem o confronto de classes sociais, concebe “[...] o envelhecimento como fonte de experiência e o idoso, como guardião das tradições. O papel social do ancião [é] o de conselheiro, elo entre as origens e os deuses”.

Com as leituras realizadas sobre a velhice, percebemos que esse é um tema que ainda causa desconforto e sobre o qual muitos preferem não pensar. Tal comportamento, entretanto, implica a não observação de como a nossa sociedade tem tratado os que chegam a uma idade avançada. Em consequência disso, não apenas nos esquivamos de uma responsabilidade social para com o outro, mas também nos negamos a refletir sobre nosso próprio futuro.

A fim de mostrar como o objeto de nosso estudo trata a questão, o presente trabalho se ocupa de uma investigação literária procurando analisar como se configura a velhice no referido conto. Este artigo pretende ainda analisar **o vínculo entre a obra e o ambiente** sem deixar de considerar o fato estético, ou seja, a crítica social não pode deixar de relevar o elemento interno, como diz Candido (1967, p. 4): “Sabemos, ainda, que o **externo** (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, **interno**”.

Estudada por diversas áreas do conhecimento, a categoria velhice parece de fácil conceituação. Sua complexidade, entretanto, faz-se notar inicialmente pela imprecisão de quando a velhice, realmente, instaura-se na vida de cada um. Diferente do envelhecimento, que é um processo que acompanha o ser humano desde o momento do seu nascimento, a velhice não tem um marco inicial preciso, e a idade cronológica não constitui, por si só, quesito para classificar alguém como velho. Para Beauvoir (1990):

Em geral, [a sociedade] não encara a velhice como uma fase da idade nitidamente marcada. [...] O momento em que começa a velhice é mal definido, varia de acordo com as épocas e lugares. Não se encontram em parte alguma “ritos de passagem” que estabeleçam um novo estatuto (BEAUVOIR, 1990, p. 9).

Como se pode compreender pela citação, não há uma linha de demarcação entre idade adulta e velhice. Nessa direção, a idade instituída para aposentadoria deve ser entendida como mero marco social e não como sinônimo do termo velho ou idoso. Em nossa sociedade, entretanto, é corrente a ligação entre aposentadoria e velhice, quase sempre conferindo a ambos um caráter pejorativo.

Sobre essa falta de analogia entre os referidos termos, Mucida esclarece:

Se o registro social assinala que a velhice chega a partir de 60/65 anos – idade coincidente com a aposentadoria –, isso marcaria a entrada na velhice? Podemos responder que não. Dizer que alguém é “aposentado” apenas busca igualar sob a mesma denominação os grupos de pessoas que viveram um período determinado de tempo cronológico em sua relação com o trabalho (MUCIDA, 2014, p. 29).

Como podemos depreender da fala da autora, a idade cronológica, bem como a chegada da aposentadoria não são suficientes para responder à questão de quando se inicia a velhice.

Um segundo fator, que contribui para a complexidade do tema, concerne à abrangência das implicações que a velhice acarreta. Sendo um fenômeno individual, a velhice não pode, entretanto, ser desvinculada do social, pois são dimensões intrinsecamente ligadas. Assim, para um conceito preciso, há que se considerar seus aspectos vários, que vão do mais particular, como o biológico e o psicológico, ao mais geral, como o cultural e o econômico.

O terceiro diz respeito à dificuldade de se falar sobre a velhice. Essa dificuldade é citada tanto por Beauvoir (1990) como por Mucida (2009; 2014) nos trabalhos em que estudam essa fase da vida.

A primeira autora destaca que ao comentar que trabalhava num ensaio sobre a velhice quase sempre ouvia as exclamações: “Que ideia! Mas você nem é velha! Que tema triste!” É ante esse espanto que Beauvoir se propõe “a quebrar a conspiração de silêncio” e pede aos seus leitores que a ajudem a fazê-lo.

Segundo Beauvoir (1990), o silêncio que encobre a questão da velhice reflete o fracasso de uma civilização fundamentada em um sistema de exploração, que exclui tudo que não gera lucro. Nessa direção, os velhos, já sem mais recursos a serem explorados, perdem o *status* de homens e são tratados como fardos. A esse respeito, a autora afirma:

Exigir que os homens permaneçam homens em sua idade mais avançada implicaria uma transformação radical. Impossível obter esse resultado através de algumas reformas limitadas que deixariam o sistema intacto: é a exploração dos trabalhadores, é a atomização da sociedade, é a miséria de uma cultura reservada a um mandarinato que conduzem a essas velhices desumanizadas. É por isso que a questão passa tão cuidadosamente em silêncio; é por isso que urge quebrar esse silêncio (BEAUVOIR, 1990, p. 15).

De acordo com as palavras da autora, as problemáticas enfrentadas pela velhice são mascaradas pela relutância em se empreender uma mudança radical no sistema vigente. Mudanças essas que passariam obrigatoriamente pela valorização do ser humano em qualquer das fases da vida. Essas questões, entretanto, como não interessam à gana de lucro do capitalismo, são, então, silenciadas.

Segundo Candido (1967), a investigação da relação entre a obra de arte, mais especificamente a literatura, e os fatores sociais, não deve desconsiderar o elemento social. O crítico, entretanto, salienta que este importa à análise literária na medida que se constitui “[...] como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo” (CANDIDO, 1967, p. 7).

Em outras palavras, Candido defende que, na obra literária, os fatores externos, ou seja, os sociais, sofrem um processo de transfiguração que os converte em elemento interno, ou seja, “que desempenha um certo papel na constituição da estrutura” da obra (CANDIDO, 1967, p. 4). Nessa direção, a obra literária é entendida como um objeto estético (e não mero reflexo ou documento da realidade), e como tal deve ser investigada pelo crítico.

Em prefácio ao *O discurso e a cidade*, Candido (2004) mais uma vez aponta um caminho possível para superação do que ele considera um “valo entre social e estético” nos estudos literários: “[...] uma das ambições do crítico é mostrar como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária” (CANDIDO, 2004, p. 9).

Acreditamos que a consciência artística do contista, como destaca Monteiro (1980), “[...] o transforma num observador que filtra a realidade, enfocando apenas aquilo que pode abrir as fronteiras de seu universo de símbolos” (MONTEIRO, 1980, p. 11), o que corrobora o pensamento de Sainte-Beuve, citado por Candido (1967), de que o poeta não é mero refletor da realidade, pois que a reelabora, combinando e criando fatos, antes de devolver à realidade.

Narrado em terceira pessoa, o conto “Os pesados lagartos”, escolhido para análise, tematiza a traição, a mesquinhez, o egoísmo, o ciúme e o descarte de tudo aquilo que não “serve” mais, até mesmo do ser humano. Embora a velhice não seja a perspectiva central do enredo, este gira em torno de um velho que se casa com uma moça mais nova, Nizinha. Ambiciosa, inicialmente ela se deixa “comprar” pelas muitas joias que o velho lhe presenteia e pela possibilidade de, casada, usufruir da riqueza do velho. Ciumento, o velho a vigia constantemente, porém ao sofrer um derrame e ficar totalmente dependente da esposa, é, por ela, internado em um pensionato, onde, com os demais velhos, toma banho de sol, “como pesados lagartos”. Em seguida, Nizinha assume os bens do marido, completamente abandonado por ela, e assume também seu caso com seu Batista, amigo do velho e única pessoa a visitá-lo no pensionato. Laura, a “amiga defensora”, analisa a vida de sua amiga, concluindo que Nizinha “soube construir sua vida”.

O conto, enquanto trabalho ficcional, parece figurar uma dimensão estrutural da sociedade capitalista do Brasil da segunda metade do século XX e, infelizmente, ainda dos dias atuais. Norteadas pelos valores do capital, que visam sempre ao benefício que pode ser alcançado a partir do cálculo utilitário egoísta, as relações

interpessoais são também reificadas. Nessa direção, o tratamento dispensado ao outro nem sempre guarda resquícios de sentimento, pois este é, muitas vezes, visto como objeto e como tal passível de ser comprado ou vendido. Assim é que se explica a relação entre o velho e Nizinha, que concretizam o casamento como uma espécie de barganha:

Ela se casou com o velho, que lhe deu antes muitas joias. Quando o velho teve o derrame e ficou com a permanente gota de lágrima no canto do olho repuxado, o fio de baba na boca, ela o internou no pensionato. O velho possui o grande edifício de apartamentos e tem depósito no banco, que ela movimenta: assina o cheque no balcão, atendida pelo funcionário, a bolsa elegante de couro posta ao lado (CAMPOS, 1969, p. 155).

A citação acima é o parágrafo que dá início ao conto. Dele, pode-se inferir algumas questões desenvolvidas ao longo da narrativa. Os dois primeiros períodos constituem uma espécie de resumo dos acontecimentos: “Ela se casou com o velho, que lhe deu antes muitas joias. Quando o velho teve o derrame e ficou com a permanente gota de lágrima no canto do olho repuxado, o fio de baba na boca, ela o internou no pensionato”.

Conciso em sua escrita, o narrador de Moreira Campos é sutil, dizendo apenas o essencial para que o leitor infira sobre quais bases se alicerça o relacionamento dos dois. Ao frisar que o casamento se realiza após o velho dar muitas joias a Nizinha, o narrador deixa subtendido que houve uma negociação na qual cada uma das personagens buscou o que lhe interessava: o velho, a beleza e mocidade de Nizinha; esta, a ascensão financeira.

Ainda desse primeiro parágrafo do conto, concluímos que, assim como Candido observa que o romance *Senhora* trata da compra de um marido, “Os pesados lagartos” trata da compra de uma mulher. Assim como no romance, no conto “[...] essa compra tem um sentido social simbólico, pois é ao mesmo tempo representação e desmascaramento de costumes vigentes na época, como o casamento por dinheiro” (CANDIDO, 1967, p. 6). Entretanto, se ainda conforme Candido, “[...] as imagens no romance manifestam a mineralização da personalidade, tocada pela desumanização capitalista, até que a dialética romântica do amor recupere a sua normalidade convencional [...]”, o conto ora em análise não recuará na crítica dos mecanismos que regulam a sociedade capitalista.

A partir da observação da voz narrativa, percebe-se que o narrador não comunga com o modelo de perversão ditado pelo capitalismo. Sutilmente, então, vai desvelando o caráter mercantilista e aviltante que norteia as relações interpessoais. Assim é que, Nizinha e o velho, ambos são alvos da reificação comum no sistema: ela inicialmente “comprada” pelas joias do velho; ele, para não atrapalhar o relacionamento dela com o amante, é, como um mero objeto, posto de lado, tal como ela põe de lado a bolsa para assinar o cheque.

A própria composição do conto, que alude a uma transação comercial, o conflito e a composição das personagens secundárias, autoriza-nos a dizer que tanto o velho quanto Nizinha e Laura concebem o relacionamento interpessoal e afetivo como mera extensão da estrutura sobre a qual se organiza a sociedade capitalista: “Laura, a colega defensora, morde o sanduíche na hora do lanche na repartição. Ela entende que só agora Nizinha se realizou” (CAMPOS, 1969, p. 155).

O comentário de Laura é revelador de um contexto no qual o dinheiro a tudo justifica. Entretanto, o adjetivo, “defensora”, usado pelo narrador para qualificá-la, pode ser lido como um índice de acusação à Nizinha. Em outras palavras, se Laura exerce o papel de defensora, é porque Nizinha, velada ou abertamente, é acusada de algum delito. Estaria o narrador apontando o abandono do velho como um crime disfarçado?

Assim, por meio do discurso direto e do discurso indireto livre, o narrador vai, intercalando com a voz de defesa de Laura, outra voz na qual subjaz a sua própria, que mais uma vez denuncia o comércio das relações que deveriam ser norteadas por outro valor, que não o capital:

Muito gentil. Trabalha com imóveis. Se não pode casar-se, porque é desquitado, de qualquer modo Nizinha se realizou, soube construir a sua vida. Ele fora muito amigo do velho, que o protegera de início. Visitava-o no apartamento. Tiveram uma sociedade no escritório, com mesa um ao lado do outro. Laura, a colega defensora, morde o último pedaço de sanduíche:
– São as coisas da vida (CAMPOS, 1969, p. 155).

Acreditamos não ser forçoso perceber, nessa passagem, uma reflexão sobre a desvalorização da amizade e da confiança. Como se apontasse para uma dupla traição, da esposa e do amigo, ao que Laura banaliza como “coisas da vida”.

O sentido dado por Laura ao “soube construir a sua vida” converte a relação de Nizinha com o velho a apenas um meio economicamente viável para sua realização, que

só se completa quando esta se apodera do dinheiro do velho, livra-se dele internando-o no pensionato e o substitui por seu Batista.

É interessante atentar para quem é esse amante. O narrador faz questão de repetir algumas características dessa personagem: Seu Batista “[...] ajeita os óculos de aros grossos pretos, pousa de leve o lenço dobrado sobre as gotículas de suor da grande calva”. Segundo Laura, seu Batista é desquitado, muito discreto, educado e é amigo de longas datas do Velho. Pelas características ressaltadas, cogitamos se não seria seu Batista mais um velho na vida de Nizinha, ainda que visivelmente mais novo. Ante essa possível interpretação, algumas questões podem ser levantadas: teria Nizinha um gosto por homens velhos, deles gostando verdadeiramente? Descartando-se assim o casamento por interesse? Ou seu Batista representaria apenas uma nova vítima da qual ela se livraria tão logo alcançasse seu objetivo?

A investigação da simbologia presente na metáfora, “pesados lagartos”, escolhida pelo narrador para comparar os velhos internos do pensionato, pode lançar luzes sobre a leitura. De acordo com o *Dicionário dos símbolos*, de Gerd Heinz-Mohr (1994), o lagarto é “[...] um animal notavelmente ágil e relativamente prudente, que, por sua inclinação para a luz do sol, se associou muito cedo com a simbologia do sol e da ressurreição. O lagarto incorpora o desejo de entrar na luz do além pela morte”. Ainda segundo esse dicionário, conforme antigos bestiários alemães, “[...] quando o lagarto se torna cego pela idade, estende a cabeça rumo ao oriente da terra ou de uma fenda de parede, olha persistentemente no sol que nasce e assim passa a ver de novo”

A partir dessas informações, acreditamos ser possível considerar que o conto pode estar fazendo uma analogia entre a cegueira do lagarto e a imprudência do velho, ambas ocasionadas pela velhice. Cego de desejo por Nizinha, o velho, agora, modorrando ao sol no pensionato, tal o lagarto cego que olha fixamente para o sol, pôde finalmente recuperar “a visão” e se aperceber abandonado pela esposa.

A decadência do velho no pensionato contrasta com a figura inicial do velho rico e ainda em atividade. Essa mudança de perspectiva liga-o mais uma vez à imagem do lagarto, mas agora sem a agilidade comum a este. O velho agora se move com lentidão, está pesado, vagaroso. Perdendo seu vigor físico, é apenas um inválido, uma espécie de fardo pesado. Emerge desse discurso um ser em padecimento:

O velho toma banho de sol com os outros velhos no grande pátio, modorram ali como pesados lagartos. A permanente gota de lágrima no canto do olho repuxado, o fio de baba na boca. Nada articula.

- Ôôôô... (CAMPOS, 1969, p. 156).

Aqui, o tempo cumpre seu papel de deteriorar, imprimindo na personagem sua marca corrosiva. O velho, inicialmente no apogeu da idade, exerce suas atividades no escritório onde acolhe seu Batista como sócio: “Tiveram uma sociedade no escritório, com mesa um ao lado do outro”. Inicia-se um processo de transformação que culmina em sua decadência, quando o velho atravessa uma espécie de ócio, de aposentadoria, na qual já não mais trabalha e o tempo é empregado em remoer a insegurança que sente em relação a Nizinha: “Quando ainda podia sair de casa, comprava a revista e ficava escondido atrás da banca de jornal na esquina para vigiá-la”.

Sobre esse aspecto, é interessante retomarmos o que fala Bosi sobre a degradação que se abate sobre os velhos quando se sentem ociosos devido à aposentadoria: “[...] o velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo homem” (BOSI, 1994, p.79). No conto em estudo, a luta empreendida pelo velho, este pertencente a uma classe social privilegiada, concentra-se em questões matrimoniais. O velho preocupa-se com sua virilidade e com as possíveis consequências do comportamento de sua esposa. Dentro dessa perspectiva, notamos que o velho desinveste-se das “[...] causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos”. (BOSI, 1994, p.80).

A total degradação do velho instala-se a partir do derrame e da conseqüente internação no pensionato: “O velho toma banho de sol com os outros [...]. Nada articula”. A sua figura é a personificação da decadência. A lágrima constante reforça a imagem do sofrimento também permanente. A impossibilidade de comunicação enfatiza o abismo entre adultos e velhos. Abre-se ao leitor possibilidades de leitura para o “Ôôôô” que o velho tenta inutilmente articular em palavras. Estaria o velho tentando alertar a Seu Batista, velho também, do futuro que lhe aguarda com Nizinha? Ou estaria querendo reivindicar seu direito de, mesmo doente, poder ficar em casa, já que tem dinheiro suficiente para contratar uma enfermeira? Ou ainda estaria querendo deixar claro que sabia ter sido duplamente traído, pela esposa e pelo amigo?

A amiga defensora, entretanto, enxergando a situação por outro ângulo, contemporiza a atitude de Nizinha, já que, segundo aquela, a relação do velho para com a amiga era “Uma tirania. [pois] Ciúme de velho deve ser horrível.” A essa afirmação de Laura, subjaz uma aversão à velhice, um desprezo para com o desejo que o velho nutre por Nizinha. Tal aversão corrobora o pensamento de Beauvoir quando esta afirma

que a lubricidade dos velhos “parece ao adulto particularmente repugnante” (BEAUVOIR, 1990, p. 132).

Nessa perspectiva, o conto retoma um tema recorrente ao longo dos séculos, principalmente pelo teatro cômico: a lubricidade dos velhos que se tornam ridículos e alvo de escárnio ao se apaixonarem por uma jovem mulher.

No conto em estudo, o velho enamora-se de Nizinha, mulher jovem e bonita. Sem mais atrativos físicos, para conquistá-la, o velho lança mão dos meios de que dispõe: dá-lhe joias, como aceno de uma vida financeira tranquila. Casados, o velho parece ter consciência da falta de sentimentos da esposa para com ele. Desconfiado, mas incapaz de deixá-la, torna-se ciumento, chegando mesmo a espreitá-la na rua:

[...] todos sabiam, que o velho era ciumento. Exigia de Nizinha que lhe telefonasse logo que chegasse à repartição. Quando ainda podia sair de casa, comprava a revista e ficava escondido atrás da banca de jornal na esquina para vigiá-la. (CAMPOS, 1969, p. 156).

Tramas como essa foram abundantemente trabalhadas por autores do teatro cômico, para quem a velhice era sempre ridícula. Beauvoir (1990) comenta as comédias de Aristófanes, Menandro, Plauto, Boccaccio e de Chaucer. Esses autores, bastante avessos à essa fase da vida, não escamoteiam a falta de afetuosidade que nutrem pela velhice. Sobre essa questão, são esclarecedoras essas considerações de Menandro, destacada por Beauvoir:

Aquele que dura além da conta morre desgostoso; sua velhice é penosa e ele passa necessidade. Perambulando aqui e ali, encontra inimigos; conspira-se contra ele. Não partiu em tempo; não teve uma bela morte. [...] Velhice, tu que és a inimiga do gênero humano, és tu que devastas toda a beleza das formas, tu transformas o esplendor dos membros em peso, e a rapidez em lentidão. [...] Uma vida longa é coisa penosa. Ó pesada velhice! Nada tens de bom para os mortais, mas prodigas dores e males (BEAUVOIR, 1990, p. 133).

Ainda de acordo com a autora, as peças desses autores arrancavam muitos risos da plateia. O expediente usado era sempre o mesmo: apresentavam no palco a figura do velho rico, que enamorado por uma mulher jovem e bela, usava de suas riquezas para tê-la e por ela era sempre enganado.

A narrativa “Os pesados lagartos” não adota, entretanto, o tom zombeteiro comumente utilizado nessas peças. Moreira Campos, embora desenvolva a mesma temática, não descamba a narrativa para o cômico nem escarnece do velho tratando-o como ridículo. Pelo contrário, com forte apelo descritivo, o autor trabalha poeticamente

a imagem do velho após o derrame: “os pesados lagartos”, “a mão descarnada e inútil”, “a permanente gota de lágrima no canto do olho repuxado, o fio de baba na boca”. Como bem observou Rachel de Queiroz ao prefaciá-lo, o contista apresenta uma visão pessimista e trágica de uma humanidade cruel:

Uma crueldade que aparece como emanção natural da condição humana, paralela com a sua lubricidade; animais cruéis, lascivos, impuros, sobrenadando entre a sordície e a miséria, vivendo apenas para esperar a hora da morte (QUEIROZ, 1969, p. XI).

Assim, é a voz do narrador que nos apresenta o episódio final e de total degradação da figura velho: “O velho calça chinelas e meias grossas, a mão descarnada e inútil sobre o braço da cadeira. Esforça-se por compreender: – Ôôôô...” (CAMPOS, 1969, p. 156). O derrame acentua a decadência física do velho, e a degradação moral se estabelece pelo abandono da esposa, que de certa forma retira daquele qualquer vestígio do que poderia ser considerado como força viril, relegando-o ao estado de inutilidade.

A narrativa problematiza também o espaço do pensionato. Quase sempre lugar de abandono e segregação, a maioria dos asilos submetem os velhos a um processo de intensa despersonalização. O asilo do conto em estudo, embora seja uma instituição da igreja, não ameniza essa perda de identidade. Pelo contrário, ali os velhos perdem inclusive seu *status* de humano, numa zoomorfização que os aproxima de lagartos modorrentos e pesados. O pensionato é apresentado como uma espécie de depósito onde são colocados aqueles que já não “servem”, onde os velhos podem, sem atrapalhar, esperar a morte.

É atenta a esse descarte do velho que Beauvoir (1990) põe em relevo a necessidade de se entender a razão pela qual a sociedade aceita passivamente que seus velhos sejam tratados de maneira tão desrespeitosa. Sobre essa questão, a autora reconhece que normalmente a sociedade fecha os olhos para os problemas que não ameaçam seu equilíbrio. Assim, a sorte dos velhos é tão negligenciada pela sociedade como a sorte de outros marginalizados como as crianças abandonadas, os deficientes ou os jovens delinquentes. Entretanto, no que concerne à negligência da sociedade para com a velhice, a autora destaca que “[...] sua indiferença parece, *a priori*, mais surpreendente; cada membro da coletividade deveria saber que seu futuro está em questão” (BEAUVOIR, 1990, p. 265).

É interessante observarmos a pouca afetividade que Nizinha dispensa ao marido. Até mesmo o fato de lhe mandar os biscoitos favoritos, que poderia ser lido

como um cuidado especial para com o velho, tem essa expectativa imediatamente quebrada na sequência do período. O narrador parece destacar que o ato de Nizinha é mecânico, apressado e totalmente desprovido de sentimento. Compra-lhe os biscoitos apenas porque estão ali, na mercearia ao lado da repartição. Não lhe exigem nenhum esforço. Fica nas entrelinhas que se não estivessem assim tão à mão, nem mesmo a isso o velho teria direito.

O autor cria uma situação na qual suas personagens podem se movimentar, sem constrangimentos, em busca do que desejam. E, nessa busca, tudo passa a ser permitido, inclusive comprar, usar e descartar pessoas. Ao adotarem essa postura, as personagens, sem exceção, corroboram ao que Marx aponta como um desmascaramento das relações que se convertem em simples relações monetárias: “Em lugar da exploração mascarada sob ilusões religiosas e políticas, ela (a burguesia) colocou uma exploração aberta, desavergonhada, direta e nua” (MARX *apud* BERMAN, 2007, p.130).

Nascida sob o signo do progresso, a sociedade moderna impõe a todos um ritmo acelerado, um estado de constante mudança e renovação. Esse caráter volátil da vida moderna exige sempre o olhar para o futuro, rompendo, assim, com passado. No frenético afã pelo novo, não há espaço para a tradição, para a valorização do saber acumulado, pois tudo é pensado para logo ser descartado.

Tal modelo de economia gera sérias implicações para aqueles que não fazem parte da classe dominante. O capitalismo, interessado apenas no que pode gerar lucro, impele a todos ao autodesenvolvimento, mas apenas na medida em que possa ser por ele aproveitado:

As disponibilidades, impulsos e talentos que o mercado pode aproveitar são pressionados (quase sempre prematuramente) na direção do desenvolvimento e sugados até a exaustão; tudo o mais, em nós, tudo o mais que não é atraente para o mercado é reprimido de maneira drástica, ou se deteriora por falta de uso, ou nunca tem uma chance real de se manifestar (BERMAN, 2007, p.25).

Dentro desse contexto, não há, portanto, espaço para valorização da velhice. Os velhos operários, tendo sua força de trabalho exaurida, perdem lugar na engrenagem do lucro. Seus passos lentos não combinam com a aceleração inerente ao capitalismo. Já os idosos que acumularam riqueza são aturados devido ao poder do capital, fato que reforça a afirmação de que na sociedade moderna o dinheiro permeia e norteia todas as formas de relação.

Nessa busca desenfreada pelo lucro, a sociedade capitalista “relaciona nosso valor humano ao nosso preço de mercado, nem mais, nem menos” (BERMAN, 2007, p.137). Para a burguesia, nada é mais importante que acumular capital, assim ninguém é mais que um mero meio de se chegar até esse fim. Assim, conforme Marx, no mundo moderno capitalista, tudo está sujeito à perversão, mesmo o que antes era tido como sagrado. Esse é um tempo no qual o processo diluidor, que “desmancha no ar tudo que é sólido”, a tudo profana na sua busca desenfreada pelo lucro imposta pelo capitalismo.

No conto em estudo, seja pela forma como se iniciou o relacionamento entre Nizinha e o velho, num processo de compra da mulher por meio de joias; seja pelo desfecho de, ao adoecer, o velho ser internado no pensionato, pode-se dizer que nesse conto os relacionamentos são também contaminados pelos valores do capital. Nesse sentido, as relações delineadas no conto nos remetem às reflexões empreendidas por Berman de “como o capitalismo transformou as relações das pessoas entre si e consigo mesmas” (BERMAN, 2007, p.130).

A defesa de Laura, que desconsidera o respeito e a solidariedade em detrimento à estabilidade financeira, corrobora a visão assustadora de Marx, de que na sociedade burguesa “[...] qualquer espécie de conduta humana se torna permissível no instante em que se mostra economicamente viável, tornando-se ‘valiosa’; tudo o que pagar bem terá livre curso” (MARX *apud* BERMAN, 2007, p.136).

A imagem da velhice, nesse conto, está ligada à imagem de degradação e de aviltamento que se anuncia ainda na primeira linha da narrativa. A degradação aqui se manifesta não apenas no aspecto físico do velho que se deteriora após o derrame, mas também no desgaste das relações interpessoais, que se dão de maneira abjeta. Essas relações, que fazem parte da estrutura de uma sociedade norteadada pelo dinheiro, não abrem espaço para o humano e desvalorizam tudo e todos que já não são mais produtivos, e esse todos compreende, principalmente, os velhos.

A natural dependência imposta pela velhice e a consequente perda de autonomia sobre si mesmo, torna os velhos alvos certos do aviltamento. No conto em análise, o velho, rebaixado a fardo, é abandonado no pensionato, destituído de qualquer manifestação de respeito. Essa situação nos faz pensar no que diz Löwi (2000) sobre a “barbárie civilizada”. O tratamento do qual o velho é vítima não deixa de ser também uma das manifestações da crueldade praticada por representantes da civilização.

Percebemos que, mesmo pertencendo a uma classe social privilegiada, a personagem do velho não consegue safar-se da exclusão. Seu desejo de manter-se

sexualmente ativo como homem, casando-se com Nizinha, é rechaçado pelas demais personagens. Ele é apenas o velho. Não tem outro nome, não deve nutrir desejos. Apartado da vida e do mundo ao ser internado no pensionato, o velho é uma espécie de morto-vivo. O espaço do pensionato pode, então, ser lido como antessala da morte. Já não tendo mais utilidade, resta ao velho o esquecimento, o abandono e a solidão, destino do qual apenas a morte o pode libertar.

Vista sob essa perspectiva, a literatura, segundo alerta Bosi (2010), não deve ser entendida apenas como mero reflexo da realidade. Em sua maneira particular de exprimir o mundo, a literatura pode pôr sob olhar de suspeita um discurso que se quer hegemônico e homogêneo. Nessa direção, “Os pesados lagartos” pode ser lido como um questionamento a comportamentos que, norteados por valores capitalistas, empobrecem as relações humanas. No conto, esse comportamento pode ser observado não apenas em Nizinha, mas também na amiga Laura e no próprio velho.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Trad. De Maria Helena Franco Martins, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo. Cia das Letras, 2007.
- BOSI, A. *Ideologia e contraideologia: temas e variações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994.
- CAMPOS, M. *O puxador de terço*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- CANDIDO, A. *O discurso e a cidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- HEINZ-MOHR, G. *Dicionário de símbolos: Imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo. Ed. Paulus, 1994.
- LIMA, B. *Moreira Campos: a escritura da ordem e da desordem*. 88 p.. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza: 1993.
- LÖWY, M. “Barbárie e modernidade no século XX”. In: BENSÁID, Daniel; LÖWY, Michael. *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã, 2000.
- MONTEIRO, J. L. *O discurso literário de Moreira Campos*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.
- MUCIDA, Â. *Escrita de uma memória que não se apaga: Envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ALEXANDRE, A. B. De desejo e de abandono: a velhice em...

MUCIDA, Â.. *O sujeito não envelhece*: Psicanálise e velhice. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

QUEIROZ, R. “Prefácio” *In*: CAMPOS, Moreira. *O puxador de terço*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

SECCO, C. L. T. *Além da idade da razão*: Longevidade e saber na ficção brasileira. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.

Artigo submetido para avaliação em 08/09/2016; publicado em 31/10/2016.